

MEMÓRIA DESCRITIVA

Projeto proposto pela parceria conjunta do Centro em Rede de Investigação em Antropologia | CRIA, pela Associação de Exilados Políticos Portugueses | Aep 61-74, Association Mémoire Vive / Memória Viva, Centre National de la Recherche Scientifique | CNRS - tutela URMIS, Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Copenhaga e Casa da Esquina - Associação Cultural.

No âmbito o pacote pedagógico do projeto #ECOS, propõem que com base nas informações e memórias dos testemunhos da Associação de Exilados Políticos Portugueses 61-74 e na exposição documental e arquivista de objetos e cartazes colecionados pelos vários colaboradores da Aep 61-74, alusivos ao período em questão, elaborássemos trabalhos de carácter artístico onde explorássemos temas como o exílio, as migrações contemporâneas, ou outros temas originais com base nos conhecimentos disponibilizados.

Após a inauguração da exposição, decidi trabalhar a cor e as memórias gráficas dos testemunhos, tendo ficado sobretudo impressionada pelas cores suaves dos passaportes (amarelo, azul e rosa), pelo amarelo intenso dos lençóis do Hilton de Carlos Soares Neves e pelos vermelhos e pretos revolucionários dos cartazes.

Esta ideia aflorou na apresentação formal do projeto #Ecos quando Ricardo Correia referiu em contexto da sua peça “Exílio(s) 61-74# o meu país é o que o mar não quer”, que “As flores nascem da merda” aludindo ao facto de tudo o que se cria de belo na natureza provir de acontecimentos dolorosos e desagradáveis, como por exemplo o parto.

Estabeleci uma ligação plástica entre estes dois conceitos e inconscientemente cheguei ao conceito da beleza que provém da degradação, tanto plástica como psicológica.

Explorei sequencialmente diferentes ideias que foram sendo acompanhadas com a descoberta e pesquisa de diferentes artistas plásticos.

Desenvolvi estudos que demonstram texturas e cores que com o passar do tempo se transformaram de algo puro e vulgar em algo que, guardou memórias, ficou com marcas e desenvolveu uma personalidade única.

Com o desenvolvimento teórico e plástico do conceito de beleza da degradação e transformação psicológica e física, cheguei à noção de casa. A casa personifica cada um de nós, alberga sorrisos, amizades, paixões, discussões, medos, choros, memórias, aniversários, celebrações; divide-se em partes, em momentos e acontecimentos, e é protegida pelas paredes assim como a armadura da nossa pele.

A fachada é o que o mundo exterior conhece à priori, ninguém sabe quem realmente somos e pelo que passámos se não os deixarmos entrar.

Plasticamente tentei aprofundar as marcas deixadas nas paredes, as que deixam sobressair algo, a beleza do inesperado do seu interior, algo de profundo e de acolhedor que se abre e que assim se deixa conhecer por camadas de diferentes materiais e cores, diferentes territórios.

Comparo este processo ao processo que os testemunhos da Associação fizeram quando descreveram histórias e caminhos que enfrentaram para não lutarem contra os seus ideais, abrindo-nos a porta de uma divisão das suas vidas e mostrando-nos as suas marcas.

Antes de começar a trabalhar concretamente no conceito explanado, por estar apaixonada por certas obras de Antoni Tàpies (1923- 2012) e de Helen Frankenthaler (1928-2011) e pelos seus processos de trabalho, explorei este tipo de expressão livre.

A utilização propositada das manchas de óleo que se alastram para fora de um território, à priori, condicionado à forma que a cor delimita. Desenvolvi assim algumas monotipias iniciais com esta ideia plástica em consideração.

Tendo em conta o conceito da beleza da degradação, comecei por pesquisar artistas que plasticamente iam de encontro às minhas ideias, como Gerhard Richter (1932 -) e Jason DeCaires Taylor (1974 -).

Gerhard Richter, artista plástico alemão no qual me inspirei ao longo do desenvolvimento dos estudos, trabalha as texturas cromáticas através do arrastamento da cor e do uso de ferramentas de pintura peculiares como rodos e espátulas, conferindo-lhes um expressão mais abstrato.

Fui criando deste modo estudos com ajuda de materiais não convencionais no âmbito da pintura, como rolos de borracha dura, espátulas, sacos de plástico, colheres, etc.

Na continuação do desenvolvimento do meu conceito, comecei a apropriar-me da ideia de casa enquanto personificação do ser.

Cheguei a artistas como Isabel Brison (1980-) , fotógrafa que através da fotomontagem elabora estruturas arquitetónicas com a conjugação de fragmentos de diferentes fachadas/ personalidades, e Friedensreich Hundertwasser (1928-2000) que trabalha sobre o mesmo conceito, desenvolvendo-o na sua arquitetura e no suas pinturas.

Senti a necessidade de abordar o gesto arquivista não só descrito no título do projeto “#ECOS- ARQUIVAR O EXÍLIO, CONTRARIAR O SILÊNCIO: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE TEMPOS INCERTOS” mas também demonstrado no conteúdo e

ênfase da exposição e decidi ter uma abordagem fotográfica do conceito previamente explorado onde, tendo em mente o gesto arquivista, fotografei diferentes detalhes de casas degradadas, visualizando-os sempre como composições gráficas que se dividiriam em diferentes espaços/territórios tendo em conta as suas camadas e as suas cores - não existem fronteiras, é a cor que delimita o espaço.

Finalmente numa pesquisa à volta do abstracionismo cheguei ao artista francês de origem russa Nicolas de Staël, que me inspirou sobretudo no cromatismo e na geometrização aparente na parte final do meu trabalho.

Através do registo fotográfico muitas vezes com composições de elementos geométricos, separei, através do Photoshop, diferentes espaços com cores que os delimitassem, criando quase uma vista aérea das nossas diversas sensações, dos nossos diferentes territórios.

Para gravura trabalhei uma das composições fotografadas, dividida em duas cores/camadas e consequentemente em duas chapas, de modo que esta divisão de tons fosse acentuada e se criasse a profundidade desejada.

Esta foi conseguida através das técnicas de fotogravura e de águas-tintas. Começando por utilizar como método auxiliar a serigrafia para a fotogravura, gravei um quadro serigráfico com o negativo das cores a registar nas chapas, em alto contraste, e imprimir a verniz de gravar, cada registo nas respectivas chapas de zinco.

Com esta parte das chapas protegida, levei as chapas à resina na máquina e posteriormente comecei a trabalhar as diferentes águas-tintas. Ambas as chapas tiveram os mesmos tempos no ácido, 30s, 3 min, 5min.

No momento da tintagem desenvolvi cores que se assemelhassem às cores da composição fotografada, mas que acentuassem a diferença entre os dois planos.

“ AQUELA PAREDE QUE SE RENDE AO TEMPO”

A minha gravura é a materialização da ideia de obstáculo que se dispõem solenemente diante do espectador, num espaço restrito onde não existe senão esta realidade.

A gravura intitulada “Aquela parede que se rende ao tempo” simboliza as barreiras e os obstáculos que se ultrapassam com o tempo, e a beleza consequente das marcas e cores que este proporciona - a beleza da degradação.



“ AQUELA PAREDE QUE SE RENDE AO TEMPO”

GRAVURA

Para serigrafia trabalhei sobre um dos estudos iniciais, do qual selecionei duas zonas retangulares, que modifiquei cromática e formalmente através do Photoshop.

Estas duas zonas foram apresentadas sobre um díptico vertical, que conceptualmente é a vista frontal de um movimento cíclico.

Através de uma expressão inicialmente pensada para representação plástica da beleza da transformação, o díptico confere-nos duas realidades, a união, a construção, o nascimento e a degradação, a desintegração, a morte.

Na base do díptico conseguimos aperceber-nos da beleza da forma emergente de uma ecografia, da forma acolhedora do ventre de uma mãe, que como uma casa nos protege até que tenhamos de sair para um mundo exterior onde ficamos expostos a uma nova realidade.

Este momento evolui e ascende até ao seu momento final, onde a desintegração ocorre e aquilo que se foi construindo e acumulando se destrói.

Aludo na parte superior do díptico ao fenómeno da morte das estrelas, onde o todo dá lugar ao nada, passando por uma série de processos explosivos que trazem ao de cima camadas de matéria, que estavam cobertas há milhões de anos.

Em termos cromáticos optei por utilizar cores que se me tinham destacado nos objetos apresentados na exposição organizada pela AEP 61-74, o amarelo, o vermelho, o azul e o preto.

Decidi produzir duas séries onde a única diferença foi a alteração de azul para preto, podendo assim constatar como uma pequena alteração pode mudar todo um ambiente - como um ambiente acolhedor e quente se pode transformar num agressivo e desconfortável.

Para utilizar as técnicas da tecnologia dividi as diferentes cores do estudo proposto em três diferentes fotolitos, imprimindo-as pela seguinte ordem:

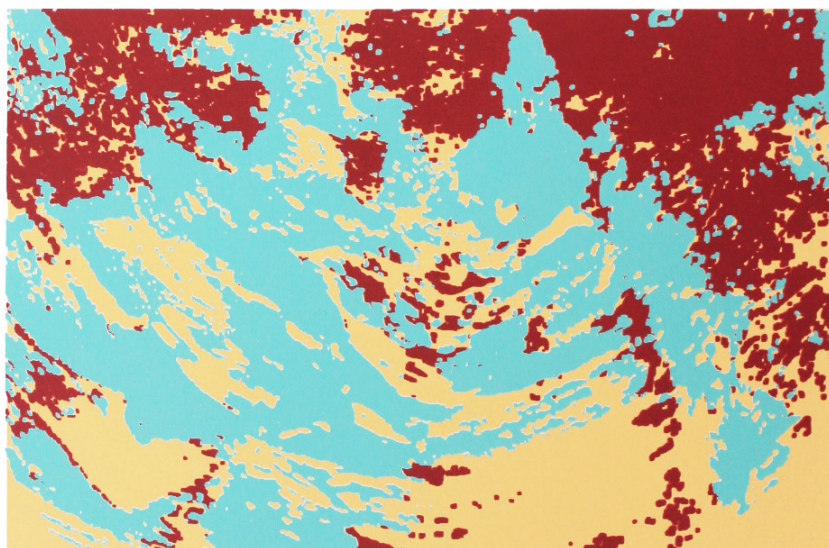
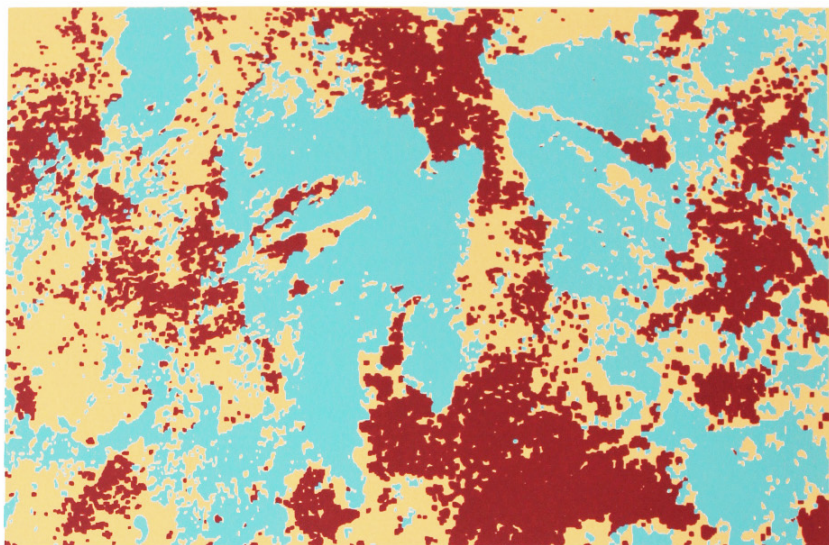
1º Amarelo da cor dos lençóis do Hilton

2º Vermelho da cor do sangue

3º Azul da cor dos passaportes ou preto da cor das palavras da revolução

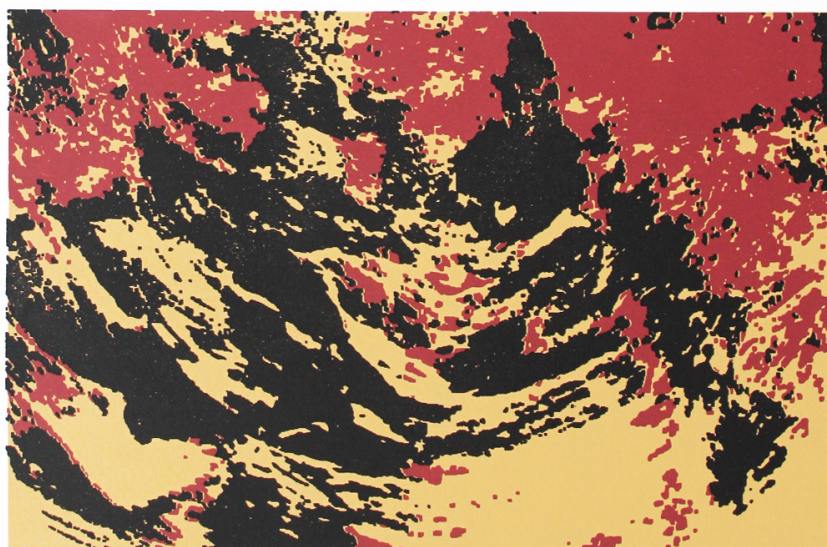
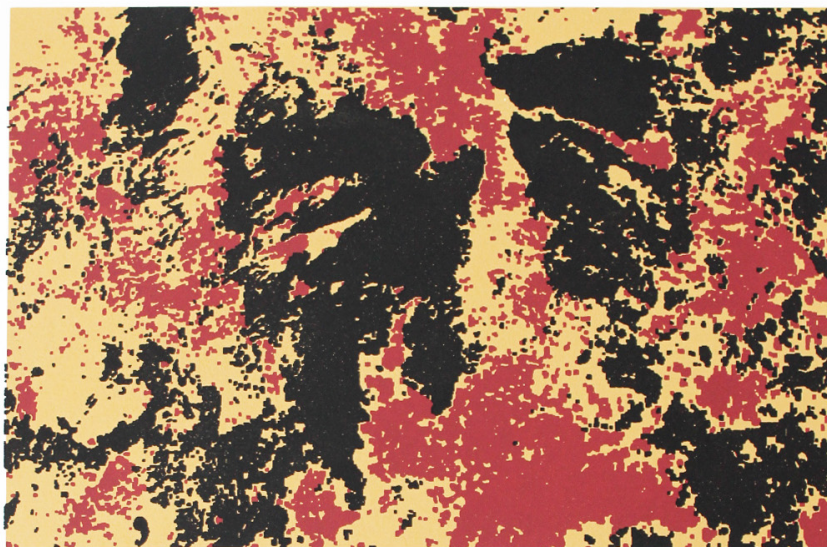
“ O AFLORAR ”

A minha serigrafia foi intitulada “ O Aflorar ”, porque remete não só ao passar do tempo cíclico de uma vida, do nascimento e desenvolvimento de algo grandioso e belo, mas também ao poder irrefutável de uma simples nova flor, que pode alterar tudo o que a rodeia.



“ O AFLORAR ”

SERIGRAFIA



“ O AFLORAR ”

SERIGRAFIA